

Prefácio – Mulheres e suas escritas: do anonimato à representatividade coletiva

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz

Pós-doutorado em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo – USP. Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Graduada em Letras Vernáculas.

Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Nesta instituição, coordenou os projetos de pesquisa: Documentação de Feira de Santana: um trabalho linguístico-filológico (1996-2013) e Edição crítica de autores baianos [(2005-2013)- Financiamento FAPESB (2008/2011)]; coordena os projetos Estudo histórico-filológico e artístico de documentos manuscritos baianos dos séculos XVIII ao XX [(2004-2015) – Financiamento FAPESB (2004/2007)]; e Língua e cultura: estudos sobre o léxico (2010-2015); foi editora responsável da Revista *A Cor das Letras* (2004-2006) e da revista *Scripta Philologica* (2005-2010); foi professora permanente do Programa de Pós-graduação em Literatura e Diversidade Cultural (2004-2013); é professora permanente do Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos (2010-); foi colaboradora do Programa de Pós-graduação em Desenho, Cultura e Interatividade de 2006 a 2009. Coordena o Grupo de Edição de Textos e o Núcleo de Estudos do Manuscrito (Diretório dos Grupos de Pesquisa-CNPq); é orientadora de alunos de mestrado e de bolsistas de iniciação científica (PIBIC-CNPq, FAPESB e PROBIC-UEFS).

Uma criatura muito estranha, complexa, emerge então. Na imaginação, ela é da mais alta importância; em termos práticos, é completamente insignificante. Atravessa a poesia de uma ponta à outra; por pouco está ausente da história. Domina a vida de reis e conquistadores na ficção; na vida real, era escrava de qualquer rapazola cujos pais lhe enfiassem uma aliança no dedo. Algumas das mais inspiradas palavras, alguns dos mais profundos pensamentos saem-lhe dos lábios na literatura; na vida real, mal sabia ler e escrever e era propriedade do marido (WOOLF, [1928] 1992, p. 56).

O livro intitulado *Literaturas de autoria de mulheres amazônidas, amefricanas e latino-americanas*, organizado pelo Grupo de Pesquisa MALALAS – *Mulheres Amazônidas e Latino-americanas na Literatura e nas Artes*, sob a coordenação da Prof^a. Dr^a. Cristiane de Mesquita Alves, da Universidade Federal do Pará-UFPA, representa um hercúleo trabalho de pesquisadoras e pesquisadores para dar visibilidade à escrita de autoria feminina esquecida em arquivos privados e particulares, na maioria dos casos, ou simplesmente abandonada por quem estuda as literaturas de línguas portuguesa e espanhola.

Questões trazidas nos diversos textos contidos no livro abordam muitas temáticas apresentadas por Virginia Woolf no livro *Um teto todo seu*, o qual reuniu palestras feitas por ela em 1928 na Universidade de Cambridge. Quase um século depois, o teor desses textos soa tão atual, principalmente no Brasil, país de dimensões continentais e que tem uma diversidade cultural e geográfica impressionante. Ainda hoje constatamos a ocorrência do que ela diz na epígrafe que abre esse prefácio. Nos rincões afora desse país, milhares de mulheres lutam por seus direitos de ler e escrever, de deixarem vir à tona suas vivências, suas histórias, sejam estas em prosa ou em versos.

Em se tratando de Brasil, estudos da Prof^a. Dr^a. Regina Dalcastagnè apontam que o monopólio da literatura brasileira se concentra na região

Sudeste e é produzida por homens brancos, universitários e héteros. Nesse território, onde ficariam as outras regiões e suas produções? O Norte e o Nordeste estariam em último plano e, nessa situação, mulheres, cis, trans ou negras, ocupariam a última posição.

No Brasil, aqueles que têm acesso à voz literária formam um grupo muito homogêneo. São quase todos brancos, muito mais homens do que mulheres, habitantes dos grandes centros urbanos, com nível universitário, em geral jornalistas ou roteiristas de televisão. O mundo que recortam em suas narrativas está marcado por estas características. O público leitor – que compartilha, em grande medida, a posição social dos autores – consome as representações dadas por esse recorte, o que é tão mais significativo quando se sabe que as obras da literatura brasileira, em sua maioria, têm pretensões realistas (CASTAGNÈ, 2007, p. 126).

Nesse sentido, dar visibilidade à produção feminina realizada em solo nortista, isto é, em terras amazônicas, com extensão para a América Latina, faz-se de suma importância, haja vista o que nos diz a pesquisadora Regina Dalcastagnè:

Um homem, por exemplo, pode até ser sensível às questões femininas (embora nem sempre o seja), mas não vai ter as vivências que a sociedade impõe às mulheres – ser analisada prioritariamente pela aparência física, o temor da violência sexual, o preconceito renitente nos espaços profissionais. É essa perspectiva feminina (e não um estilo ou uma temática específica) que só as mulheres podem trazer ao discurso literário (CASTAGNÈ, 2007, p. 126).

Assim também dizia Simone de Beauvoir em relação ao que coloca Dalcastagnè: o homem, mesmo sensível às questões femininas, ainda escreve com indiferença, pois não sente na pele o que as mulheres sentem. Virginia Woolf já trazia esse questionamento em 1928/1929. Por isso, o fortalecimento da escrita de autoria feminina, o seu empoderamento, a sua participação nos espaços antes ocupados pelos homens, torna-se

vital para que essa produção seja cada vez mais valorizada e prestigiada. Esse cenário tem sido fortalecido pelo surgimento de coletivos de mulheres, tais como Mulherio das Letras, Confraria Poética Feminina, Enluardas, Mulheres Maravilhosas, dentre outros, com atuação internacional, nacional, regional, local, a fim de promover cada vez mais a participação daquelas que escrevem e que deixavam os textos engavetados com medo de represálias. Assim aconteceu com grandes escritoras da literatura universal, como Jane Austen, a hoje badalada escritora inglesa – autora do romance *Orgulho e preconceito* escondia seus manuscritos ou os cobria com mata-borrão, pois achava que era desonroso escrever. Para Woolf, a literatura deve estar aberta a todos e a todas.

Literaturas de autoria de mulheres amazônidas, amefricanas e latino-americanas nos apresentam textos que tratam da autoria feminina em diversos espaços: literários, jornalísticos, confessionais. Como nos diz Regina Dalcastagnè (2007), faz-se necessário e urgente democratizar a voz literária, a fim de que aumentemos a pluralidade de perspectivas sociais com o intuito de que essa voz seja ouvida na literatura. Assim corrobora Cristiane de Mesquita Alves na apresentação deste livro:

Cada vez que uma mulher escreve uma palavra e esta é ecoada, entoada, compartilhada, sentida e recebida com afetos e força por outras e outros percebemos que chegamos a um tempo em que as lutas das primeiras mulheres estão passando por um ciclo de renovação, e cada vez mais, estamos perto de consolidar, de fato, a emancipação de nosso lugar de fala, de nosso uso dos corpos e poder sobre quem somos e escolhemos ser ou tornar-se mulher em seus plurais (ALVES, 2023).

Deste modo, o que se traz e o que se quer com este livro tem a ver com o que nos diz Conceição Evaristo: “O meu texto é um lugar onde as mulheres se sentem em casa”. Assim queremos todas e todos nós aqui presentes: ser lar e abrigo para escritas infinitas de autoria feminina. Pois

não há portões, nem fechaduras, nem cadeados que possam trancar a liberdade do pensamento feminino (WOOLF, 1929).

REFERÊNCIAS

- DALCASTAGNÈ, Regina. Ilusão e referencialidade: tendências da narrativa brasileira contemporânea. In: **SIGNÓTICA**, v. 19, n. 1, p. 125-141, jan./jun. 2007.
- EVARISTO, Conceição. **Mulheres que escrevem entrevista**: Conceição Evaristo. Disponível em: <https://medium.com/mulheres-que-escrevem/mulheres-que-escrevem-entrevista-conceicao-evaristo-fa243ff84284>. Acesso em: 02 mar. 2023.
- WOOLF, Virginia (1928). **Um teto todo seu**. São Paulo: Círculo do Livro, 1992.

Rita Queiroz
Professora universitária. Filóloga. Escritora. Poeta.

Apresentação – Nós, entre os saberes delas

Cristiane de Mesquita Alves

Pós- Doutorado em Língua e Literaturas Espanhola e Hispano-americana pela Universidade de São Paulo (USP), sob orientação da Profa. Dra. Margareth dos Santos. Doutorado em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (Bolsista PROSUP/CAPES). Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia. Especialização em Língua Portuguesa e Análise Literária pela Universidade da Amazônia. Graduação em Letras- Licenciatura Plena em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA- 2006), Letras- habilitação em Língua Espanhola pela Universidade da Amazônia. Atualmente, Professora Adjunta II, Classe 1- Lotada no Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará (ILC- UFPA/FALEM). Exerceu a função de Vice-Diretora da Faculdade de Letras Estrangeiras Modernas (FALEM/UFPA. Portaria nº. 2575/2021- Reitoria) entre os anos 2021-2023. Líder do Grupo de Pesquisa "Mulheres Amazônidadas e Latino-americanas na Literatura e nas Artes" (MALALAS- UFPA/CNPq). Tem experiência docente nos Programas de Formação de Professores de Educação a distância (PARFOR- IFPA 2012/2013, UEPA-2020 e UFPA-2023), e Universidade Aberta do Brasil (UEPA- UAB/2010-2022). Atuou como Professora de Literatura Itinerante nos campi da Universidade do Estado do Pará (Campus XI e Campus XIV - 2019- 2020). Pesquisadora dos Grupos de pesquisas "Linguagens e Tecnologia" (UEPA/CNPq). e "Marginalia Decolonial" (UFMA/CNPq). Membro da APAPLE (Associação Paraense de Alunos e Professores de Espanhol). Membro da ABH (Associação Brasileira de Hispanistas). É membro dos Núcleos Docentes Estruturantes (NDE): Letras Libras PARFOR e Letras-Espanhol. Dedicar-se a estudar a obra de Alfonsina Storni, Clarice Lispector, Machado de Assis e Milton Hatoum, pelos métodos da Literatura Comparada; temas relacionados à Literatura brasileira e Latino-americana, aos estudos de gênero (identidades plurais), à Literatura de autoria feminina, às personagens femininas, à crítica feminista, à memória, à identidade e à psicanálise. Autora